

EXAME A FRESCO E HISTOPATOLÓGICO EM CAMARÃO MARINHO EXPOSTO À MICROCISTINA.

Arthur Lopes, João Guimarães, Alexandre Duarte, Mariana Gonçalves, Paulo Mendes,
Emiko Mendes

Universidade Federal Rural de Pernambuco – Depto. de Medicina Veterinária –
Laboratório de Sanidade dos Animais Aquáticos, Caixa Postal 52171-900 - Recife/PE

A região nordeste é um grande centro produtor do camarão marinho *Litopenaeus vannamei* devido às ótimas condições climáticas, boa qualidade da água e da disponibilidade das áreas estuarinas utilizadas para o cultivo. Porém, grandes problemas são enfrentados na carcinicultura brasileira, estando, dentre eles, a questão da eutrofização das águas do cultivo pelo excesso de matéria orgânica depositada no meio, fato que propicia o aparecimento de grandes florações de cianobactérias. As cianobactérias são produtoras de toxinas consideradas naturais, do ponto de vista químico e toxicológico, sendo classificadas em neurotoxinas, hepatotoxinas, citotoxinas, toxinas irritantes e gastrintestinais. *Microcystis aeruginosa* é a espécie mais comum em florações de cianobactérias nocivas e por isso, objetivou-se avaliar os efeitos da microcistina-LR sintética derivada da *Microcystis* spp em pós-larvas de camarões marinhos *L. vannamei* aparentemente saudáveis, através da realização de um bioensaio com exposições a diferenciadas doses da toxina. Foi verificado por exames clínicos e a fresco que camarões expostos a uma concentração de 70mg/L apresentaram alterações comportamentais e distúrbios na sua alimentação, comprovando que no ambiente esse animal apresentaria problemas no seu desenvolvimento. Em análises histopatológicas foram evidenciados que os animais desafiados a uma maior quantidade de toxina apresentaram um grau médio de degeneração dos túbulos hepatopancreáticos, que não seriam suficientes para causar óbito dos camarões, mas que influenciam diretamente no sistema imunológico, tornando o camarão vulnerável a prováveis infecções secundárias por diversos agentes.